

BIBLIOGRAFIA E ANTOLOGIA CRÍTICA DAS
VANGUARDAS LITERÁRIAS



PORTUGAL
As Primeiras Vanguardas

Vervuert

K. David Jackson

Para o seu director, Carlos Filipe Porfírio, o *Portugal Futurista* foi "um empreendimento de cujos benefícios participará toda a arte portuguesa do futuro." Nele colaboraram fundamentalmente os homens de *Orpheu* – Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Raul Leal e, indirectamente, Santa-Rita Pintor.

Há neste n.º 1 a preocupação de um esclarecimento programático, que se revela na insistência nos manifestos (nada menos que cinco, além de uma síntese dos princípios dos criadores do Futurismo, da autoria de Bettencourt-Rebelo). Esta definição do movimento justifica o convite a “todos os novos artistas, cuja orientação esteja de acordo com os princípios ou as tendências aqui expressas, a remeterem-lhe os seus originais”. Todavia, Carlos Filipe Porfírio tinha certamente consciência de que o ambiente português não estava preparado para tal arte, daí o classificar o *Portugal Futurista*, logo à partida, de “publicação eventual”. Em todo o caso, com certeza não tão eventual como a sua apreensão pela Polícia o forçou a ser.

[...]

Com toda a teorização que o *Portugal Futurista* divulga, é forçoso que se dê relevo fundamental aos dois textos realmente originais que são a base programática do futurismo português – o *Ultimatum* de Álvaro de Campos e o *Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX*, de Almada Negreiros. Ambos procuram lançar uma nova ideologia de modo chocante, violento, e há semelhanças, igualmente programáticas, que são o género literário futurista por excelência, o manifesto, apresentado no estilo próprio – apostrófico, directo, utilizando um vocabulário não-literário, livre tanto no aspecto morfológico e sintáctico como na negação de tabus quanto ao decoro da linguagem. Nas raízes fundas das diferenças de atitude dos dois autores há algo que transcende a literatura e qualquer ideologia, há a distância fundamental que separa o extrovertido Almada, que toda a vida manteve a atitude futurista de exibicionismo, de oposição sistemática, do introvertido Fernando Pessoa, isolado no seu próprio eu, embora nesta fase, e seguindo uma moda que não podia deixar de atrair o jovem que ele era, procurasse superar a sua doentia procura de si mesmo e como que atordoar-se na destruição de tudo o que o rodeava. Se todo o sistema

ruísse, talvez ele se sentisse liberto de peias e complexos e pudesse ser definitivamente Álvaro de Campos, novo, técnico, agressivo, lutador.

Quanto ao estilo, tem muito mais impacto o de Campos, que mantém o tom apostrófico e acusatório sem quebras numa parte do texto que, por si só, é tão extensa como o texto total de Almada. A segunda parte, teórica e programática, é bastante mais densa e dedutiva à maneira pessoana. Consciente de que resvalou para um campo que é intimamente o seu, embora o tivesse querido orientar segundo a tal maneira chocante, Pessoa-Álvaro de Campos termina numa girândola de proclamações que retomam o tom futurista inicial. Entre elas, não podemos deixar de notar a declaração que vai entroncar na biografia que fez dos seus heterónimos: "garanto absolutamente a vinda da Humanidade dos Engenheiros!" Isto revela a consciência de que só enquanto Álvaro de Campos poderia ser futurista.

Quanto a Almada, há de início a manifestação do seu egocentrismo e auto-mitificação. Esse mito do "poeta português que ama a sua pátria" e que simultaneamente tem "a idolatria da sua profissão" leva-o a "exigir uma pátria portuguesa que o mereça". Pertence a uma geração construtiva que deseja criar uma pátria à sua medida. Só no curto passo que segue a declaração das suas intenções e na parte final emprega o estilo apostrófico, o que enfraquece o tom geral, quando comparado com Álvaro de Campos. No entanto, a apologia de guerra, como "grande experiência" e como selecção dos fortes que são realmente necessários à Humanidade, e o ataque sistemático à realidade portuguesa são extremamente violentos.

[...]

Como textos teóricos, encontramos ainda no *Portugal Futurista* o *Manifesto dos pintores futuristas*, o *Manifesto Futurista da Luxúria* e o *Music-Hall - Manifesto Futurista*, de Marinetti. Os dois últimos foram com certeza escolhidos pela sua força de choque, em relação à sociedade pedante que Sá-Carneiro apelidara de lepidóptera. Quanto ao primeiro, pode pôr-se a hipótese de se integrar na tentativa de glorificação de Santa-Rita Pintor. É dele o primeiro quadro cuja reprodução ilustra o texto desse manifesto, tal como são dele as três reproduções incluídas em *O Futurismo*, de Bettencourt-Rebelo. Encontramos ainda o famoso retrato para o qual o pintor se vestiu

de modo que podemos chamar futurista e os artigos "Santa-Rita Pintor", de Bettencourt-Rebello, e "L'Abstractionisme Futuriste. Divagation outre-philosophique - Vertige à propos de l'oeuvre géniale de Santa-Rita Pintor 'Abstraction Congénitale Intuitive (Matière-Force)', la suprême réalisation du Futurisme", de Raul Leal, que termina com a declaração "Santa-Rita Pintor est un futuriste outré, son génie est la quintessence du GÉNIE FUTURISTE!"

[...]

Raul Leal afirma que Santa-Rita Pintor foi o único futurista que não agiu empiricamente. Se analisarmos a prática do *Portugal Futurista*, talvez tenhamos que corrigir essa afirmação. Talvez na pintura ele se distanciasse realmente dos outros artistas representados – Amadeo e Almada – mas na literatura a situação é diferente. De novo encontramos autores estrangeiros, franceses desta vez – Apollinaire, representado por "Arbre", poema de tom modernista, mas não futurista, e Cendrars, com "A la tour", este realmente glorificador das realizações do homem, mas também de tom não futurista, pois todo o louvor da Torre Eiffel é feito por comparação com termos do passado, cujo valor e significado todavia não são negados. Quanto à colaboração portuguesa, há novamente preponderância de Almada, com dois longos textos, um de prosa, "Saltimbancos", outro em verso, "Mima-Fatáxa".

[...]

A colaboração de Sá-Carneiro, três poemas curtos de 1915, nada tem de futurista, nem mesmo a forma. É curioso que, para uma publicação declaradamente futurista, Sá-Carneiro, que escreveu "Manucure", enviasse um soneto e dois poemas em rigorosos moldes estróficos, rítmicos e rimáticos. O tema é o seu eu – o primeiro fala da sua Alma, o segundo da sua vida e o terceiro da sua Dor. Há uma tentativa de apagar a expressão sentimental com a utilização de termos da linguagem vulgar e a incongruência das situações. O único aspecto futurista será justamente o choque das acções descritas com o ambiente convencional – "o salão onde há gente a conversar" e onde o poeta de súbito salta para cima do piano e começa a dar cambalhotas, tal como faz a sua Dor no "salão vermelho atapetado". O verso "meu setim de ternura engordurado" representa de facto o problema de Sá-Carneiro, que não consegue abstrair

do seu lirismo triste e egocêntrico, nada aberto à vida vertiginosa que o rodeia. Até o elemento clownesco se dilui aqui numa imagem extremamente trágica – "chora em mim um palhaço às piruetas."

Melhor sucedida no aspecto formal é a tentativa de Fernando Pessoa em "A Múmia." Há liberdade de esquema de imagens, neste caso acompanhada de variantes sintácticas ("A noção de mover-me/ Esqueceu-se do meu nome"). Mas nada é realmente futurista, e ainda menos em "Ficções do Interlúdio", grupo de quatro poemas curtos onde a estrofe e a rima reaparecem, e onde os temas se inserem no tal lirismo doentio e pessoal – plenilúnio, saudade, minuete invisível, baladas, fadas, barcas sonhadas. O número III fala de novo do palhaço, aqui um Pierrot bêbado, mas não se trata do glorioso palhaço futurista, antes da figura trágica que vagueia pela feira à luz da Lua. Mas também Fernando Pessoa escrevera "Chuva Oblíqua" e Álvaro de Campos tinha obras mais arrojadas.

Depois desta leitura do *Portugal Futurista*, creio que se impõe como conclusão o que disse anteriormente quanto à dificuldade de implantação da teoria futurista no ambiente português. Esta colectânea veio provar que as teorias eram conhecidas mas que os nossos poetas não foram conquistados por elas. Houve uma acção de diletantes mas não de discípulos convictos, a não ser em Almada e Santa-Rita Pintor. A teoria é futurista, a prática é-o muito pouco. Futuristas são os manifestos, as páginas de composição gráfica, as liberdades de linguagem e de forma, os quadros de Santa-Rita Pintor, os textos de Almada, as atitudes. Fora isso, há uma tentativa de modernizar a expressão poética, mas não segundo a orientação futurista.

“O Futurismo do *Portugal Futurista*”, Maria Leonor Machado de Sousa em K. David Jackson (ed.), Portugal. As primeiras vanguardas, Madrid-Frankfurt, Iberoamericana-Vervuert, 2003, pp.